
UMA REFLEXÃO SOBRE METODOLOGIAS PARA APLICAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS EM SALA DE AULA

Paulo Dante Fornazier Leles Filho¹, Sueli Teresinha de Abreu Bernardes²

^{1,2} Universidade de Uberaba, PPGE

¹paulofornazier.br@gmail.com, ²sueli.bernardes@uniube.br

Linha de trabalho: Experiências de caráter motivador e Inovação Pedagógica

Resumo

Este artigo tem como finalidade refletir sobre a atual situação do ensino de Literatura Brasileira no Ensino Médio, no qual a memorização e a fragmentação são priorizadas como elementos-chave para a aprendizagem do conteúdo. Mediante tal situação, o artigo alvitra que a reflexão sobre o ensino literário e suas finalidades sejam inovados, direcionando-os assim para uma metodologia menos fragmentada e mais próxima dos sentimentos e da vida dos próprios alunos, em uma atitude interdisciplinar.

Palavras-chave: literatura, leitura, inovação, interdisciplinaridade.

Introdução

A leitura, como afirma a maioria dos estudiosos na área da educação, é essencial para o desenvolvimento do ser humano em vários níveis. A importância de mantê-la como hábito estende-se ao plano emocional, intelectual, profissional e pessoal, além de, inevitavelmente, ser possível ampliar o conhecimento de mundo por intermédio de vários escritos que possibilitam o acesso a um infinito arcabouço cultural.

Além de contribuir para o aspecto cultural do indivíduo, a leitura interfere no modo como ele enxerga os acontecimentos a sua volta e relacionados a si, pois aquele que é leitor cultiva criticidade e um rico repertório de informações. Além da família, a grande responsável pela formação de leitores é a escola, sobretudo, nas séries do Ensino Fundamental e até mesmo no Ensino Médio.

Todavia, o que percebemos atualmente é um enorme déficit no ensino da leitura, principalmente, no que diz respeito à literatura; já que, normalmente, um único professor é responsável por ministrar aulas de três disciplinas: Língua Portuguesa, Literatura e Redação, de modo que apenas a primeira é privilegiada em detrimento das outras. Regras gramaticais,

portanto, são o foco da Educação básica e a Literatura é deixada de lado, caindo no esquecimento de professores e principalmente dos alunos que deveriam ser estimulados a lerem e a se tornarem leitores com excelência.

Algumas aulas chamadas de Literatura restringem-se à interpretação de trechos de obras literárias oferecidos pelos livros didáticos sendo que a abordagem desses excertos se resume, na maioria das vezes, a uma explanação biográfica ou histórica, leitura que foge à apreciação do texto literário.

Para Lajolo (1995, P. 28), a história está vinculada à literatura em função de um processo de mudança histórica da grade curricular do ensino básico, “[...] vínculo este que, na história da história da literatura europeia, desemboca e traduz-se no processo de inclusão das literaturas nacionais modernas no currículo escolar”. Outro fator que pode explicar a falta de manejo com a literatura em sala de aula é a transformação pela qual passaram os manuais e livros didáticos, de modo a priorizarem a retórica e a teoria da Língua Portuguesa.

Diante dessas justificativas, surge o principal objetivo deste trabalho: analisar o contexto e o modo como a Literatura tem sido trabalhada e, posteriormente, sugerir propostas de inovação do ensino dessa disciplina.

Literatura: conceitos, princípios e fundamentos.

Observamos que grande parte dos alunos tem grandes questionamentos quanto a importância do ensino de Literatura Brasileira em sala de aula. Por meio desse questionamento que é pertinente, podemos perceber um paradoxo em sua significância dentro e fora do perímetro escolar.

A maior preocupação existente quanto ao seu ensino refere-se a sua finalidade prática, ou seja, sua aplicação na prova. No entanto, a literatura também deve ser vista como objeto de apreciação, reflexão e incitadora de novos sentimentos e emoções.

Diante de tal problematização, Leite (1988, p. 12) traz-nos suas concepções ao nos mostrar que: “O texto literário [...] não só exprime a capacidade de criação e o espírito lúdico de todo ser humano, pois todos nós somos potencialmente contadores de histórias, mas também é a manifestação daquilo que é mais natural em nós: a comunicação”.

Conceber a literatura como uma matéria escolar importante é reconhecer seu papel histórico, psicológico, artístico, filosófico, social e cultural na humanidade. Todavia, classificá-la como opcional, e até mesmo desnecessária, é negar o desenvolvimento e a progressão do ser humano enquanto ser pensante e sentimental.

Para que a literatura seja aplicada em sala de aula e surta efeitos significantes, devemos iniciar a mudança por sua finalidade didática e suas metodologias aplicadas. Dessa forma, a leitura literária tornar-se-á uma fonte inesgotável de pesquisas de diversos setores da escola.

Cada vez mais, encontramos o ensino brasileiro – e ocidental – mais fragmentado e descontextualizado, fazendo com que os discentes – erroneamente – concebam que a literatura não é uma continuação da sociologia, ou da própria história. Assim, para que se inicie o estudo literário de forma mais eficaz, é necessária a reorganização do currículo básico de ensino das ciências humanas, fazendo com que andem juntas não somente em ritmo, mas em assunto. Podemos assim constatar o que diz Cereja (2005, p. 53), em sua pesquisa sobre o ensino da literatura na escola secundária: “[...] a expectativa do aluno é que o ensino de literatura se torne significativo para ele, ou seja, possibilite o estabelecimento de nexos com a realidade em que ele vive, bem como de relações com outras artes, linguagens e áreas do conhecimento”.

Atualmente, busca-se uma reestruturação da literatura, valendo-se da utilização das novas tecnologias. Entretanto, diferentes formas de se trabalhar com obras clássicas, como por meio da gravação de filmes contando ou interpretando obras, ou até mesmo na construção de slides pelos estudantes para que seja apresentado um resumo em sala de aula.

Mesmo que tal ideia mencionada (que proponha dinamismo para o ensino-aprendizagem em sala de aula baseada nas novas tecnologias) pareça, “a priori”, interessante e inovadora, não supre o “abismo” existente entre a literatura e as outras ciências humanas, fazendo com que, assim, o aluno continue a pensar o ensino literário como algo isolado, de interesses específicos e de poucos.

O ideal a ser atingido no ensino de qualquer matéria escolar, para que o aluno compreenda o significado do que se está estudando, é a aproximação da teoria com a prática. Dessa forma, podemos perceber que, com base em leis construídas após estudos, busca-se fazer essa conexão, encontrando, entretanto, formas e fórmulas artificiais de fazê-las; provocando, com isso, a continuação do processo de ensino segregacionista.

Coelho (2000) traz-nos muito bem uma reflexão sobre o ensino fragmentado:

Nos rastros do pensamento complexo, todas as discussões que vêm sendo feitas em torno da 'crise do ensino' têm como base uma das premissas da psicologia cognitiva: sem estar integrado num contexto, nenhum saber tem valia, por mais sofisticado que seja, isto é, não provoca no sujeito o dinamismo interno que o levaria a interagir com outros saberes e ampliar o conhecimento inicial ou transformá-lo (COELHO, 2000, p. 25).

A literatura reúne todos os saberes, ela é em si, interdisciplinar.

Outra questão importante e passiva de mudança no ensino da literatura em sala de aula é a disposição que deve encontrar as carteiras e a figura do professor. É de suma importância, a presença do docente, como um ser auxiliador no processo de aprendizagem.

Ensino de Literatura

O ensino, nos últimos anos, tem trazido aos alunos mais possibilidades de estudar as matérias em unidade, tendo seu ápice com a instituição do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Lançado em 2008, teve como principal objetivo a substituição de exames convencionais, que prezam pela memorização e conhecimentos específicos, produzindo assim, questões que envolvessem várias disciplinas de uma área, dando um grande passo rumo à desfragmentação do ensino, possibilitando, assim, a construção de conhecimentos mais práticos e utilizáveis, pelo aluno, por meio de seu formato.

Porém, mesmo após a tentativa de ordem federal em alterar o foco do ensino das mais diversas áreas existentes no ensino do ciclo básico, as escolas continuaram a aplicar métodos anteriores, utilizados na preparação para os vestibulares espalhados por todo o país. Dessa forma, o ensino continuou seu processo de muita memorização e pouca interpretação.

Essa insistência pedagógica pela fragmentação do conhecimento, não somente entre as áreas afins, como também dentro de cada matéria, fez com que a literatura ficasse afastada de seu círculo de "amizade". Matérias como história, filosofia, sociologia, artes; não se relacionam, fazendo com que assim, não haja a possibilidade de que ambos os conteúdos possam ser assimilados e compreendidos de forma mais humana e real.

Consequências de fatos como os mencionados anteriormente, dentro do ensino, tem afetado diversas áreas do conhecimento, desde as exatas até as humanas. Matérias como Matemática, Física, Química, Filosofia, Língua Portuguesa, Redação, Literatura, Geografia; são vistas pela grande maioria dos alunos como matérias irrelevantes e banais. Esse sentimento dos

alunos é interpretado erroneamente por grande parte do corpo docente, como um sentimento de apatia ou até mesmo preguiça. Entretanto, esse comportamento provém de uma não compreensão da importância de tais matérias, justamente por seu seccionamento.

Dessa forma, os reflexos encontrados no final do terceiro ano do Ensino Médio, são de alunos que, por meio do aprendizado durante todo o ciclo básico, fora para a sua aplicação em provas e trabalhos, não possibilitando criar um vínculo experimental com nenhum dos conteúdos.

Esse resultado, faz com que o aluno encontre dificuldades não somente na participação em exames avaliativos para ingresso a universidades, como também na escolha de algum curso que lhe daria vontade de seguir, fazendo com que assim a dúvida ao escolher alguma carreira universitária, seja ofuscada pelos distorcidos experimentos e experiências vivenciados em sala de aula.

Especificamente, no ensino da Literatura Brasileira e seus períodos, pude acompanhar ao longo de minha vida acadêmica, a preferência dos docentes pela elaboração de quadros, métodos e tabelas, com a finalidade de comparar um período literário com outro, sendo a memorização o ponto chave de um ensino de cunho sentimental e artístico.

Entretanto, esse modelo engessado de ensino da Literatura, faz com que o aluno não tenha contato com o mais importante da literatura: suas emoções, que são, por natureza, semelhantes às nossas.

Durante o Ensino Fundamental, os alunos estiveram em contato com obras literárias isoladas de um contexto cronológico, em sua maioria, com foco para questões morais e sociais; além de trabalhar obras clássicas adaptadas para o conhecimento de enredos de autores como Machado de Assis, Graciliano Ramos, Tomás Antônio Gonzaga e Guimarães Rosa.

Já no Ensino Médio, esses alunos tem a necessidade de compreender um novo sistema envolvido na composição literária dentro da história do país. Dessa forma, há uma maior possibilidade na contextualização e interdisciplinaridade entre essas duas matérias. Contudo, essa maior abrangência faz com que o professor tenda a criar divisões entre os períodos literários, fazendo com que esses, iniciem a fragmentação não somente cronologicamente, como também em suas principais características.

Ensino ideal ou idealizado? Algumas sugestões de inovações

Como sabemos, a leitura entre crianças, adolescentes e jovens é escassa. Caso não sejam obrigados a ler algum livro, por motivo avaliativo, ou seja, por meio de coerção, a leitura torna-se quase nula dentro do cotidiano dos estudantes.

Segundo uma pesquisa da Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro, realizada ao longo do ano de 2014, em mais de 70 cidades brasileiras, mais de 70% dos brasileiros não leram durante o ano de 2014. Esse índice mostra-nos que a leitura no Brasil é precária ao longo de toda a faixa etária, tendo-nos a preocupação imediata da construção do hábito de leitura entre crianças e jovens, possibilitando dessa forma, o trabalho mais amplo, corrente e regular da literatura em sala de aula. Porém, a leitura não é somente a compreensão do escrito, mas também sua significação dentro de um contexto social, histórico e cultural (LEITE, 1988).

Por meio da leitura literária, o aluno passa a ter contato com outras histórias de vida, culturas e sentimentos, sendo possível, por meio deles, identificar-se por alguma temática que refletiu em sua própria história, ou reflete atualmente em sua vida.

Sendo a emoção e o envolvimento os principais causadores da empolgação pela leitura de gêneros literários, cabe ao educador a sensibilização de gêneros como esses. Por intermédio da humanização, o aluno poderá melhor se encontrar nas histórias existentes, por meio da narração prévia de um livro a ser lido, de forma tenra e não-teórica, o professor deixa de influenciar na forma do aluno aprender, para influenciar na forma do aluno sentir.

Bartolomeu Campos de Queirós em seu livro *Sobre ler, escrever e outros diálogos* (2012) pode complementar-nos a ideia humanista por intermédio de suas palavras: “a leitura guarda espaço para o leitor imaginar sua própria humanidade e apropriar-se de sua fragilidade, com seus sonhos, seus devaneios e sua experiência. A leitura acorda no sujeito dizeres insuspeitados enquanto redimensiona seus entendimentos (QUEIRÓS, 2012, p. 61).

Dessa forma, uma das possibilidades de iniciar a construção ideológica de um período literário brasileiro em sala de aula é demonstrando emoções presentes que compõe esse gênero. A seguir, darei um exemplo para introduzir o período literário Barroco, de forma que a intertextualidade esteja presente, bem como a abordagem de sentimentos:

O professor inicia sua aula tendo como objetivo o aprendizado do gênero literário brasileiro Barroco. Inicialmente, o docente deve priorizar expressar-se por meio das características existentes no Barroco, trazendo, assim, pequenos acontecimentos de sua própria

vida. Perguntas como "Como acreditar em Deus em uma era de grandes avanços científicos antes explicados pela religião?" Ou mesmo "Como se pode odiar uma pessoa e ao mesmo tempo amá-la?"

Questionamentos como esses adiantarão a abordagem das principais características formais do período literário em questão, como, por exemplo, a dualidade entre fé e razão, bem como a presença de figuras de linguagem como a antítese e o paradoxo. Desse modo, o professor terá a possibilidade de trabalhar com os alunos o primordial de uma literatura: seus sentimentos. Esse momento será de construção teórica e temática, sem que o aluno perceba a abordagem de tópicos formais; necessitando, assim, sua participação para relatar experiências, que o aproximará do período literário em questão.

Após acontecer a aproximação do aluno ao mundo literário, por meio de suas próprias experiências com a literatura, é momento de introduzir trechos significativos e marcantes do período literário para que o aluno tenha contato com a literatura em si, em seu estilo único de comunicação e expressão.

Entretanto, o educador deve ter em mente que esse processo de assimilação da aproximação do aluno com a literatura, em suas mais diversas vertentes, será gradual e a médio prazo, pois o hábito de leitura é construído com a vontade e consciência do próprio aluno em tornar-se leitor ao longo do tempo.

Outro ponto necessário e determinante para a progressão do aluno em sala de aula, é a introdução de obras literárias juvenis que estejam sendo lidas e comentadas pelos próprios alunos. A interação entre docente e discente em obras sem prestígio acadêmico ou pouco analisados por seu curto período de lançamento no mercado, faz com que o professor possa encontrar um caminho para que se inicie um aprendizado formal dentro da leitura de obras clássicas.

No livro "A Culpa é das Estrelas" (GREEN, 2012), por exemplo, podemos trabalhar vários aspectos de leitura e análise com os alunos, mesmo a obra não sendo de grande complexidade ou riqueza para que ela aconteça de forma plena, pois o importante é que espectros da análise textual sejam feitas com os alunos, a fim de ensiná-los a fazerem-na autonomamente.

Logo, podemos perceber a necessidade em mudar e inovar metodologias para a aplicação das obras literárias brasileiras em sala de aula, para que ocorra de forma plena o processo de ensino-aprendizagem, não somente se restringindo à memorização, mas priorizando o

desenvolvimento da sensibilidade do aluno com o mundo exterior.

Referências

- BARTOLOMEU, C. de. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CAMPOS, H. *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso de Gregório de Matos*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- CEREJA, W. R. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho de literatura*. São Paulo: Atual, 2005.
- COELHO, N.N. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed., 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- GREEN, J. *A culpa é das estrelas*. Tradução Renata Pettengill. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- LAJOLO, M. (1995). Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes. *Remate de Males*, Campinas, n. 13, p.105-112, 1993.
- LEITE, L. C. M. *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.